

**ENTRE SONHOS E CRISES: ESQUADRINHANDO OS IMPACTOS ACADÊMICOS  
DA PANDEMIA POR COVID-19 NA VIDA DE PÓS-GRADUANDAS(OS)  
BRASILEIRAS(OS)**

**BETWEEN DREAMS AND CRISES: SQUADRINIZING THE ACADEMIC  
IMPACTS OF THE PANDEMIC BY COVID-19 ON THE LIFE OF BRAZILIAN  
POST-GRADUATES**

**ENTRE SUEÑOS Y CRISIS: ESCUADRINIZANDO LOS IMPACTOS  
ACADÉMICOS DE LA PANDEMIA POR COVID-19 EN LA VIDA DE LOS  
POSGRADOS BRASILEÑOS**

Maria Laís dos Santos Leite<sup>1</sup>

Geovane Gesteira Sales Torres<sup>2</sup>

Rocelly Dayane Teotonio da Cunha<sup>3</sup>

7

**Resumo:** A pandemia por Covid-19 tem agravado as crises socioeconômicas modernas e possibilitado vislumbrar com maior nitidez as antinomias já existentes no seio das sociedades capitalistas. Nesse hiato, os desafios enfrentados em decorrência da crise pandêmica em curso se evidenciam nas abruptas alterações no cotidiano moderno, produzidas e sentidas de diferentes modos, dadas as modificações no planejamento das ações pessoais, coletivas e institucionais. As necessárias medidas de suspensão de atividades presenciais e reestruturação e/ou cancelamento do calendário acadêmico tomadas pelas universidades brasileiras, em consonância com as autoridades de saúde nacionais e internacionais, desencadearam mudanças na vida de mestrandas(os) e doutorandas(os) no país, uma categoria que, apesar de ser comumente vista como privilegiada, tem sofrido diversas iniquidades nos últimos anos. Nesta conjuntura, estabelecemos como objetivo analisar impactos acadêmicos ocasionados pela pandemia da Covid-19 na vida de estudantes de pós-graduação stricto sensu no Brasil. A pesquisa se caracteriza como quanti-qualitativa e a coleta de dados foi realizada virtualmente, através do

<sup>1</sup> Psicóloga, Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Servidora técnico-administrativa da Universidade Federal do Cariri – UFCA. Coordenadora do Laboratório de Estudos em Políticas Públicas do Cariri - LEPP Cariri. E-mail: mlaisleite@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5777-3205>.

<sup>2</sup> Graduando em Administração Pública e Gestão Social pela Universidade Federal do Cariri – UFCA. Bolsista do projeto de pesquisa “Planejamento Urbano e Territorial em Juazeiro do Norte – CE: Repercussões e Inter-Relações na Região Metropolitana do Cariri” (BPI/FUNCAP). Pesquisador no Laboratório de Estudos Urbanos, Sustentabilidade e Políticas Públicas - Laurbs. E-mail: geovane.gesteira@aluno.ufca.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0255-1570>.

<sup>3</sup> Psicóloga, Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). E-mail: rocellycunha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0201-5436>.

SurveyMonkey<sup>4</sup> e recebeu 114 respostas válidas, 71,93% destas efetivadas por mulheres. A faixa etária das(os) participantes variou entre 22 e 60 anos, com naturalidade de 17 diferentes estados brasileiros. Dentre os resultados destacamos que, quando analisadas as médias de horas dedicadas pelas(os) participantes às atividades antes e durante a pandemia, as mulheres antes da pandemia já demonstravam uma carga horária média de 13h a mais que os homens e que as horas dedicadas as atividades domésticas durante a pandemia aumentaram em média 6h para elas.

**Palavras-chave:** Coronavírus. Mulheres. Impactos da pandemia. Pós-graduandos. Questões de gênero.

**Abstract:** The Covid-19 pandemic has aggravated modern socioeconomic crises and made it possible to glimpse more clearly the antinomies that already existed within capitalist societies. In this hiatus, the challenges faced as a result of the ongoing pandemic crisis are evident in the abrupt changes in modern daily life, produced and felt in different ways, given the changes in the planning of personal, collective and institutional actions. The necessary measures to suspend face-to-face activities and restructure and / or cancel the academic calendar taken by Brazilian universities, in line with national and international health authorities, triggered changes in the lives of masters and doctoral students in the country, a category that despite being commonly seen as privileged has suffered several inequities in recent years. At this juncture, we have established to analyze the impacts of the pandemic Covid-19 in the life of stricto sensu graduate students in Brazil. The survey is characterized as a quantitative and the data collection was performed virtually, through SurveyMonkey and received 114 valid responses, 71,93% of which were carried out by women. The age range of the participants varied from 22 to 60 years old, from 17 different Brazilian states. Among the results, as we analyzed the average hours devoted to the activities by the participants before and during the pandemic, we concluded that women already showed an average workload of 13 hours more than men before the pandemic and that the hours devoted to domestic activities during the pandemic increased by an average of 6 hours for them.

**Keywords:** Coronavirus. Women. Impacts of the pandemic. Graduate students. Gender issues.

**Resumen:** La pandemia de Covid-19 ha agravado las crisis socioeconómicas modernas y ha permitido ver con mayor claridad las antinomias que ya existen dentro de las sociedades capitalistas. En este paréntesis, los desafíos enfrentados como consecuencia de la crisis pandémica en curso se evidencian en los cambios abruptos en la vida cotidiana moderna, producidos y sentidos de diferentes formas, dados los cambios en la planificación de las acciones personales, colectivas e institucionales. Las medidas necesarias para suspender las actividades presenciales y reestructurar y / o cancelar el calendario académico adoptado por las universidades brasileñas, en línea con las autoridades sanitarias nacionales e internacionales, desencadenaron cambios en la vida de los estudiantes de maestría y doctorado en el país. una categoría que a pesar de ser vista comúnmente como privilegiada ha sufrido varias inequidades en los últimos años. En esta coyuntura, nos propusimos analizar los impactos de la pandemia Covid-19 en la vida de los estudiantes graduados stricto sensu en Brasil. La encuesta se caracteriza por ser cuantitativa y cualitativa y la recolección de datos se realizó virtualmente a través de SurveyMonkey y recibió 114 respuestas válidas, 71,93% de las cuales fueron realizadas por mujeres. El rango de edad de los participantes varió de 22 a 60 años, naturalmente de 17 estados brasileños diferentes. Entre los resultados, destacamos que al analizar el promedio de horas dedicadas por los participantes a actividades antes y durante la pandemia, las mujeres antes de la pandemia ya presentaban una carga de trabajo promedio de 13 horas más que los hombres y que las horas dedicadas a actividades durante la pandemia aumentó en un promedio de 6 horas para ellos.

<sup>4</sup> Plataforma on-line para criação e respostas à pesquisas. Para esta investigação fizemos uso de uma versão paga do Survey Monkey, o Plano Standard. Mais informações sobre a Plataforma podem ser consultadas em: <https://pt.surveymonkey.com>.

**Palabras-clave:** Coronavirus. Mujer. Impactos de la pandemia. Estudiantes de posgrado. Cuestiones de género.

## Introdução

No dia 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) revelou que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2)<sup>5</sup> se tratava de uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS/OMS, 2020). No entanto, tal dado pouco havia modificado o cotidiano da população brasileira, permanecendo praticamente inalteradas as, quando fora anunciado o primeiro caso do novo coronavírus no Brasil, vimos paulatinamente universidades, escolas, estabelecimentos comerciais e aeroportos fecharem.

A primeira faculdade pública a cancelar as aulas por conta da pandemia global de coronavírus foi a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 12 de março de 2020. Nesta mesma semana a maioria das universidades públicas divulgaram documentos oficiais suspendendo temporariamente as atividades presenciais, posteriormente, outros atos administrativos prorrogaram a suspensão de ações nos prédios das instituições, cancelaram os calendários acadêmicos e/ou regulamentaram a realização de atividades remotas<sup>6</sup>.

As necessárias iniciativas tomadas pelas universidades brasileiras, em consonância com as autoridades de saúde nacionais e internacionais, desencadearam significativas mudanças na vida de mestrandas(os) e doutorandas(os) no país, uma categoria que, apesar de ser comumente vista como privilegiada, tem sofrido com congelamentos nos valores e extinções de auxílios financeiros - bolsas, alta na taxa de desemprego<sup>7</sup> após a conclusão do curso de pós-graduação, além de outras iniquidades.

Dados atualizados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020), em 18 de setembro de 2020, apontam que chegamos à marca de 4.534.980 casos confirmados da doença no Brasil e 136.651 óbitos confirmados, nesse sentido, a média de mortes pela COVID-19 por dia entre

<sup>5</sup> De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil (2020) “coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China.” Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>.

<sup>6</sup> Até dia 30 de junho, data de fechamento deste artigo, nenhuma instituição pública de ensino superior havia informado a retomada de atividades presenciais.

<sup>7</sup> Dentre os materiais consultados sobre a questão indicamos a leitura de <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/10/interna-brasil,741968/desemprego-entre-mestres-e-doutores-no-brasil-chega-a-25.shtml> e <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/crise-mestres-doutores-brasileiros-bico/>

os meses de agosto e setembro é de 884. Os dados globais já ultrapassam o total de 30.536.424 de casos e 952.577 mortes, com base nos dados reunidos no mapa de casos do Google<sup>8</sup>, atualizado em 17 de setembro.

A Covid-19 avança em nosso país e em todos os continentes. Mesmo tendo sido pauta principal nos distintos veículos de comunicação, os quais intensamente fomentaram informações sobre a doença e o vírus que a ocasiona, métodos de contágio e a necessidade de distanciamento social para diminuição do número de casos, há uma série de desigualdades sociais e motivações políticas que comprometem a adoção de comportamentos e medidas adequadas para o enfrentamento à doença por parte da população e poder público.

A pandemia que vivenciamos, uma crise sanitária global e sem precedentes, está estabelecendo também “[...] uma pressão significativa e sem precedentes na economia global e nos sistemas de saúde pública. Isso está também ampliando as desigualdades e as formas múltiplas e cruzadas de discriminação enfrentadas por mulheres e meninas.” (Organizações das Nações Unidas-ONU, 2020, s.p.). A pandemia exacerbou as desigualdades existentes e revelou deficiências nos sistemas sociais, políticos e econômicos, inclusive em relação ao acesso a serviços de saúde e de proteção social. Mulheres chefes de família, trabalhadores(as) informais, famílias de baixa renda e jovens estão, particularmente, sob pressão. Desde o início da crise, houve um aumento significativo da violência doméstica.

Na busca de contribuir com os estudos que, de forma célere, têm auxiliado na tomada de decisão e na compreensão das crises aprofundadas pela morbimortalidade pelo SARS-CoV-2, dedicar-nos-emos a analisar os impactos acadêmicos ocasionados pela pandemia da Covid-19 na vida de estudantes de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Elegemos, enquanto objetivos específicos: problematizar as particularidades do impacto acadêmico gerado pela pandemia de Covid-19 na vida das mulheres, com vistas à observação da interseccionalidade entre identidade de gênero, sexualidade, raça, faixa etária e território, mapeando, então, os principais impactos da pandemia na vida acadêmica de pós-graduandas(os) brasileiras(os).

Para tanto, realizamos uma pesquisa quanti-qualitativa cuja coleta de dados foi realizada virtualmente, através do *SurveyMonkey*, obtendo um total de 114 respostas válidas, 71,93% destas efetivadas por mulheres.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F01hdf&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>.

## Marco Teórico

Em alguns anos, tornar-se-á nítido para as próximas gerações do século XXI que a gênese deste, de fato, deu-se com o surgimento da SARS-Cov-2. No entanto, antes da crise pandêmica da Covid-19, o sistema-mundo moderno<sup>9</sup> já se encontrava em crise, que foi amplamente evidenciada por ocasião da pandemia ora referida (BASCHET, 2020). Pensar as crises multidimensionais advindas da SARS-Cov-2 possibilita perceber que os governos mundiais pouco estavam ou não estavam preparados para uma conjuntura como a imperante no ano de 2020.

Neste sentido, Schmidt, Mello e Cavalcante (2020) evidenciam que, por questões de ordens cognitiva, informacional, cultural e de recursos, o planejamento governamental para crises foi/é profundamente prejudicado. O que se corrobora na pandemia em curso quando se enfrentam percalços em todas as áreas de políticas públicas governamentais a curto, médio e longo prazo, já que se vivencia uma crise emergencial com problemas dinâmicos, ambíguos e com baixo nível de informações confiáveis.

Em termos geopolíticos, Senhoras (2020) expressa a ocorrência de impactos econômicos em vários mercados financeiros mundiais ainda no início da disseminação da Covid-19, antes mesmo da declaração da pandemia pela Organização Mundial da Saúde. Porém, Senhoras (2020) exclama que os impactos econômicos ocasionados pela pandemia não se darão apenas em virtude do índice de contaminação nos países, mas, ao estado econômico *a priori* das nações. Assim, os países em desenvolvimento tendem a ser mais afetados pelos efeitos referidos, algo que pode ser confirmado após meses de enfrentamento à pandemia.

É mister destacar a visão de Baschet (2020) sobre o fato da realidade biológica do vírus, causador da Covid-19, ser indissociável das circunstâncias sociais da sua existência e disseminação. Perspectiva convergente à visão de Calazans e Matozinho (2020) de que a pandemia em curso não é um produto unicamente de dimensão biológica, mas também política, porque os “[...] seus efeitos se acirram diante do colapso do sistema de saúde mundial.” (p. 4).

---

<sup>9</sup> Lógica de poder colonial instauradora de assimetrias entre as sociedades do planeta, sendo o Norte global o ideal de "progresso" e detentor de privilégios à revelia do Sul global. Cf. COLAÇO, Thais Luzia; DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter. Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.



No caso da realidade brasileira, não obstante, Safatle (2020) defende que durante o período de crise pandêmica é possível vislumbrar uma conjuntura de instauração de um Estado Suicidário. O qual é alcançado, segundo Safatle (2020), mediante a destruição do Estado por meio da aceleração da sua catástrofe. O Estado Suicidário substitui a função do bem-estar social, como ocorre no governo de Jair Messias Bolsonaro, quando em defesa de políticas de austeridade fiscal e do grande empresariado, agiu/age necropoliticamente ao defender ações que põem em risco a vida da população, em especial a dos(as) mais vulneráveis socioeconomicamente.

Convergindo com Safatle (2020), Calazans e Matozinho (2020) denunciam políticas paranoicas impetradas por Jair Messias Bolsonaro, o qual corriqueiramente incita a população ao negacionismo a evidências científicas e recomendações da OMS, além de apresentar comportamentos e declarações antinômicas às principais autoridades de saúde nacionais e internacionais no que se refere à Covid-19. Ademais, exclama-se que efeitos da atual crise pandêmica ameaçam ao sistema democrático, além de ferir direitos humanos e estabelecer um “outro” em posição inimiga, o que se encontra alicerçado ao nacionalismo hipertrofiado.

Nesse complexo cenário, sujeitos, identidades, profissões e territórios se encontram precarizados, pois, a atual pandemia demarca com nitidez e agrava desigualdades sociais que a antecedem. Use máscaras, lave as mãos, não saia de casa! Essas recomendações são intensamente disseminadas pelas mídias e organizações sanitárias em todo o mundo. Porém, o que pode parecer um fator básico e simples de prevenção à Covid-19, para dados grupos sociais e territórios, é um artefato longínquo. Nesse sentido, a visão pós-abissal de Santos (2020) convida a vislumbrar a existência de zonas de invisibilidade, onde recursos materiais e condições de assepsia e trabalho não possibilitam atender às recomendações de saúde internacionalmente validadas.

Santos (2020) afirma que qualquer quarentena é discriminatória, pois ao passo que alguns grupos trabalham precariamente, outros gozam do isolamento social e proteção. Nesse sentido, Santos (2020) concebe a noção de Sul da quarentena. Destaca-se que o Sul implica para Santos (2013) não apenas espaços geográficos globais, mas, também identidades historicamente vilipendiadas pela lógica moderna (capitalista, colonialista e patriarcal). Ora, Santos (2020) verbaliza categoricamente que a crise pandêmica não é neutra, já que os seus efeitos pesam com maior intensidade sobre dados grupos sociais e territórios. Nessa tônica, ao Sul da quarentena se encontram, sobretudo, trabalhadores do setor de serviços e informais, idosos residentes em periferias urbanas e mulheres.

Desse modo, Santos (2020) concorda com Baschet (2020) ao indicar que as assimetrias sociais vislumbradas durante a pandemia já existiam antes da crise em vigência: “[...] la pandemia solo agrava una situación de crises a la que há sido sometida la población mundial” (SANTOS, 2020, p. 20). Assim, às mulheres se direcionam maiores riscos por serem postas historicamente como “cuidadoras”, fora e no seio do espaço privado (o que dialoga com o fato da maior parte dos(as) profissionais de enfermagem serem mulheres), situação que as expõe em maior proporção ao risco de contaminação, além de serem sobrecarregadas com atividades domésticas. Outrossim, o isolamento social agrava as situações de violência contra a mulher (SANTOS, 2020).

Conforme o evidenciado, segundo a ONU Mulheres (2020), a crise acarretada pelo novo coronavírus afeta a humanidade integralmente. Contudo, as decisões frente à crise amiúde são tomadas por homens, o que contradiz a realidade de que as mulheres são o valor majoritário dos(as) profissionais de saúde e dos principais ramos industriais afetados pelas medidas de isolamento social. Além de terem as suas vozes silenciadas nos fluxos deliberativos em relação a questões que lhes dizem respeito diretamente, as mulheres enfrentam exaustivas jornadas de trabalho, antes e durante o período do isolamento social, e bloqueios provenientes da crise pandêmica.

Ademais, González (2020) problematiza que a cultura patriarcal explora e pouco valoriza as mulheres, que são relegadas ao trabalho invisível de “cuidar”, algo que reforça a situação de vulnerabilidade e exposição das mulheres à contaminação pelo novo coronavírus. Portanto, González (2020) denuncia que no período da pandemia da Covid-19 se exacerbam a violência, o trabalho doméstico e assistencial, o assédio, a subestimação e o desrespeito às mulheres, sobretudo em contextos territoriais historicamente subalternizados, como a América Latina.

As sequelas dessas condições podem ser constatadas na realidade das mulheres que optam pela carreira acadêmica. Em carta publicada na revista *Science*, Staniscuaski *et al.* (2020) afirmam que a pandemia de Covid-19 tem impactado negativamente o cotidiano de mulheres pós-graduandas. Isso porque, à medida que a vida acadêmica se deslocou, exclusivamente para o espaço privado, em razão das medidas adotadas para o enfretamento da pandemia, pesquisadores(a) necessitaram adaptar sua rotina de trabalho, exclusivamente, para o ambiente doméstico e familiar.

Nesse sentido, Staniscuaski *et al.* (2020) evidenciaram que, para diversos pesquisadores(a), a suspensão das atividades da universidade pode significar mais tempo para

a produção independente. No entanto, por outro lado, pesquisadoras(o) que assumem a função de cuidadoras(e) de filhos e/ou familiares idosos, têm enfrentado responsabilidades desafiadoras. Embora mulheres e homens possam compartilhar funções de cuidado e tenham sido impactadas(o) pelas mudanças cotidianas postas pelo isolamento social, observa-se que, historicamente, as mulheres enfrentam uma carga horária mais exarcebada.

## Posicionamentos Metodológicos

A pesquisa encontra-se embasada nas Epistemologias Feministas caracterizada por Ketzer (2017) por problematizar como questões de gênero influenciam nossas concepções de conhecimento, nossas pesquisas e produções científicas. A partir de diferentes concepções epistemológicas e ontológicas – utilizadas com as ressalvas correspondentes neste artigo buscamos levantar questões relativas a preconceitos de gênero no interior da produção científica nas mais diversas áreas do conhecimento, propondo modificações metodológicas e revisando abordagens conceituais a partir das quais se produz o conhecimento científico.

Partindo da preocupação em investigar o papel do gênero nas diversas atividades epistêmicas, as Epistemologias Feministas consideram que o preconceito de gênero está infiltrado em diversas áreas do conhecimento humano e um dos seus papéis seria o questionamento e elucidação desses preconceitos (LONGINO, 2012).

Historicamente, os conceitos centrais que pautaram as discussões sobre o conhecimento e a ciência foram construídos com base em estereótipos de gênero. As Epistemologias Feministas questionam, portanto, esses conceitos e indagam se uma revisão conceitual minimizaria movimentos sexistas na produção do conhecimento. Algumas das questões levantadas por epistemólogas feministas são “[...] como o conhecimento adquiriu gênero e como pode ser desprovido de gênero? Como devem os conceitos de verdade, racionalidade, objetividade, certeza, etc. ser repensados de modo a livrá-los da mácula do masculinismo?” (LONGINO, 2012, p. 513).

Conforme explica Margareth Rago (1998, p. 3):

[...] se considerarmos que a epistemologia define um campo e uma forma de produção do conhecimento, o campo conceitual a partir do qual operamos ao produzir o conhecimento científico, a maneira pela qual estabelecemos a relação sujeito objeto do conhecimento e a própria representação de conhecimento como verdade com que operamos, deveríamos prestar atenção ao movimento de constituição de uma ou até mesmo de várias epistemologias feministas, ou de um projeto feminista de ciência.



A investigação apresenta abordagem quanti-qualitativa ou de métodos mistos, como define John Creswell (2010) para pesquisas cujos problemas abordados por sua complexidade exigem o uso de abordagens qualitativa e quantitativas para proporcionar melhor compreensão. Neste caso, utilizamos a pesquisa de métodos mistos de estratégia incorporada concomitante, definida pelo autor quando a investigação usa “[...] uma fase de coleta de dados, durante a qual são coletados, ao mesmo tempo, os dados quantitativos e qualitativos” (CRESWELL, 2010, p. 252). Posteriormente, as duas formas de dados foram sistematizadas e depois integradas na interpretação dos resultados gerais.

A estratégia utilizada foi a pesquisa de levantamento que “[...] proporciona uma descrição quantitativa ou numérica de tendências, de atitudes ou de opiniões de uma população, estudando uma amostra dessa população” (CRESWELL, 2010, p. 36). Earl Babbie (1999), outro reconhecido metodólogo, inclui estudos transversais e longitudinais, utilizando questionários ou entrevistas estruturadas para a coleta de dados, com a intenção de generalizar a partir de uma amostra para uma população.

Os questionários foram aplicados on-line por meio da plataforma *SurveyMonkey* com tempo médio de resposta de 20 min foram compostos por 93 perguntas fechadas do tipo múltipla escolha, matriz/escala de avaliação e caixa de seleção, além de também portarem questões abertas com respostas curtas e longas, com base no formulário utilizado por Rocelly Cunha, Magda Dimenstein e Candida Dantas (2020).

Para o recrutamento das(os) participantes foram utilizadas duas estratégias:

1. envio de e-mail às unidades dedicadas à gestão dos cursos pós-graduação em universidades federais e estaduais brasileiras;
2. compartilhamento em grupos para pós-graduandas(os) em redes sociais (Facebook e WhatsApp).

Para o envio dos e-mails as(os) autoras(es) realizaram um mapeamento das pró-reitorias, secretarias ou outras unidades que têm, entre suas atribuições, o acompanhamento de estudantes e cursos de pós-graduação das 69 universidades federais e 49 estaduais do país, já que estas possuem o maior número de programas de pós-graduação *stricto sensu* e estudantes matriculadas(os).

Contamos com uma amostra não-probabilística de 146 participantes – todos(as) estudantes de programas de mestrado e doutorado no Brasil -, das(os) quais 114 completaram

o preenchimento e foram consideradas respostas válidas. Obtiveram-se informações de pessoas nascidas em 17 estados brasileiros, além de um estrangeiro residente no Brasil.

A presente investigação incorpora métodos estatísticos descritivos, especificamente inferenciais, para a coleta, organização, descrição e interpretação dos dados coletados por meio dos instrumentos empregados. Ora, o método experimental é inviável de ser aplicado em fluxos científicos sociais, haja vista as distinções substanciais entre os objetos de investigação das ciências humanas/sociais e naturais/matemáticas, pois, ao passo que estas últimas podem realizar controles efetivos de fatores mediante experimentos, as primeiras se direcionam a artefatos essencialmente mutáveis e impossíveis de serem controlados pelo(a) pesquisador(a) (MORETTIN, 2010). Desse modo, o método estatístico se adota em virtude da impossibilidade de se manterem causas constantes no objeto de pesquisa do artigo em voga.

Assim, adotaram-se variáveis qualitativas e quantitativas nos fluxos da pesquisa em questão. Nesse sentido, entende-se por variável um atributo sujeito a variações. A pesquisa em tela adotou as variáveis, que, segundo a categorização proposta por Morettin (2010), classifica-se em: a) qualitativa nominal (gênero, raça, orientação sexual, estado de nascimento e residência, grande área dos cursos de pós-graduação, resoluções das IES frente à pandemia, impacto da covid-19 nas vidas dos(as) participantes); b) qualitativa ordinal (período do curso de pós-graduação); e c) quantitativa contínua (faixa etária, comparativo entre atividades previstas e realizadas).

## Resultados e discussão

Nesta seção, serão descritos os dados obtidos e tratados por meio da coleta no SurveyMonkey apresentando uma breve caracterização da amostra, composta por 114 participantes, e destacaremos os referentes à identidade de gênero, raça, orientação sexual, estado de nascimento e residência que compõem uma análise interseccional do fenômeno estudado.

Ao pensar nas desigualdades para homens e mulheres se depara com outros marcadores que se encontram articulados e operando na reprodução das hierarquias de gênero, em especial as questões de raça, classe e território. Como também acentua Djamilia Ribeiro em *O que é lugar de fala* (2019), “uma mulher negra tem experiências distintas de uma mulher branca e vai experienciar gênero de outra forma” (p. 61). Conforme demonstra Collins (2019), embora os padrões da responsabilidade do trabalho doméstico estejam socialmente impostos a todas as mulheres, as experiências de mulheres brancas e negras não se equiparam,

afinal, a participação das mulheres negras no mercado de trabalho e no ambiente doméstico e familiar é interseccionado pela exploração da sua força de trabalho, bem antes de tal condição ser imposta as mulheres brancas de classes empobrecidas.

Com base nas informações declaradas pelas(os) pós-graduandas(os) que responderam ao instrumento da pesquisa, têm-se, quanto à identidade de gênero, que 71,93% se declararam enquanto mulheres cisgêneras (n: 82), e 28,07% como homens cisgêneros (n: 32). Não foi computada nenhuma resposta para as opções travesti, mulher transexual, homem transexual, agênero, conforme Gráfico 1.

Conforme se sistematizou na Tabela 1, no que se refere à orientação sexual 90,24% das mulheres e 65,63% dos homens se declaram heterossexuais, 31,25% dos homens respondentes como gays e 1,22% das mulheres como lésbicas. Nenhum(a) respondente assinalou as opções intersexual, assexual, polissexual ou outra sexualidade. Notar a diversidade sexual dos sujeitos, além de atender a um dos objetivos específicos da pesquisa, possibilita compreender o quão a sexualidade é empregada como condicionante ao acesso à educação. Bento (2017) exclama que os sujeitos cujas orientações sexuais fogem ao imperativo da heterossexualidade são excluídos da categoria humana, logo, tornam-se “outros” mediante processos de abjeção. Assim, notamos que grande parcela dos participantes assumem a heterossexualidade, o que implica na baixa representação de sexualidades dissidentes.

**Tabela 1** – Percentual de(os) pós-graduandas(os) participantes por orientação sexual.

	Heterossexual;	Gay;	Lésbica;	Bissexual;	Pansexual;
<b>Mulher cisgênera</b>	90,24%	0,00%	1,22%	7,32%	1,22%
<b>Homem cisgênero</b>	65,63%	31,25%	0,00%	3,13%	0,00%
<b>Total</b>	83,33%	8,77%	0,88%	6,14%	0,88%

**Fonte:** Elaborada pelas(os) autoras(es).

Quanto a raça/etnia das(os) pós-graduandas(as) participantes, têm-se que 74,39% das mulheres e 65,63% dos homens se se consideram brancas(os). E 20,73% e 28,13% se auto identificam como pardas(os). Poucos(as) participantes se autodeclararam negros(as) e nenhum(a)deles(as) assinalou as opções indígena ou outra etnia. Conforme o censo do IBGE (2015), a maior parte da população brasileira é branca (45,22%), ao passo que 45,06% se autodeclara parda e 8,86% preta. Figueiredo (2015) questiona, contudo, identidades raciais que mascaram a condição racial negra. Assim, a categoria “parda” se põe em questionamento

diante da relevância da afirmação do corpo negro para o combate ao racismo. Este, ainda conforme Figueiredo (2015), mostra-se nefasto no Brasil por caminhar em paralelo com o discurso da democracia racial e mestiçagem, assim, homens e mulheres negros(as) estão mais vulneráveis às mais diversas formas de violência.

Quanto ao estado de nascimento houve uma predominância de participantes do gênero feminino nascidas no estado de São Paulo (28,40%), Paraná (22,22%) e Rio Grande do Sul (13,58%) e homens do Paraná (28,13%) São Paulo (25,00%), e Ceará, Goiás, Pará, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul todos com 6,25% de participantes deste gênero, conforme Gráfico 4. Nota-se que o valor majoritário dos participantes provém das macrorregiões Sudeste e Sul do país, estando, o Norte e Nordeste, pouco representados. Ora, segundo o Censo da Educação Superior de 2018, o Sudeste é a macrorregião mais contemplada com Programas de Mestrado (possuindo 46%) e doutorado (concentrando 79%). O Sul possui 22% dos programas de mestrado e 11% dos de doutorado. O Nordeste apenas porta 19% dos programas de mestrado e 6% dos de doutorado. Já o Norte, 5% dos programas de mestrado e 1% dos de doutorado (BRASIL, 2019). Assim, contempla-se uma realidade em que a pós-graduação se distribui assimetricamente no país, algo que se reflete nas regiões dos sujeitos da pesquisa.

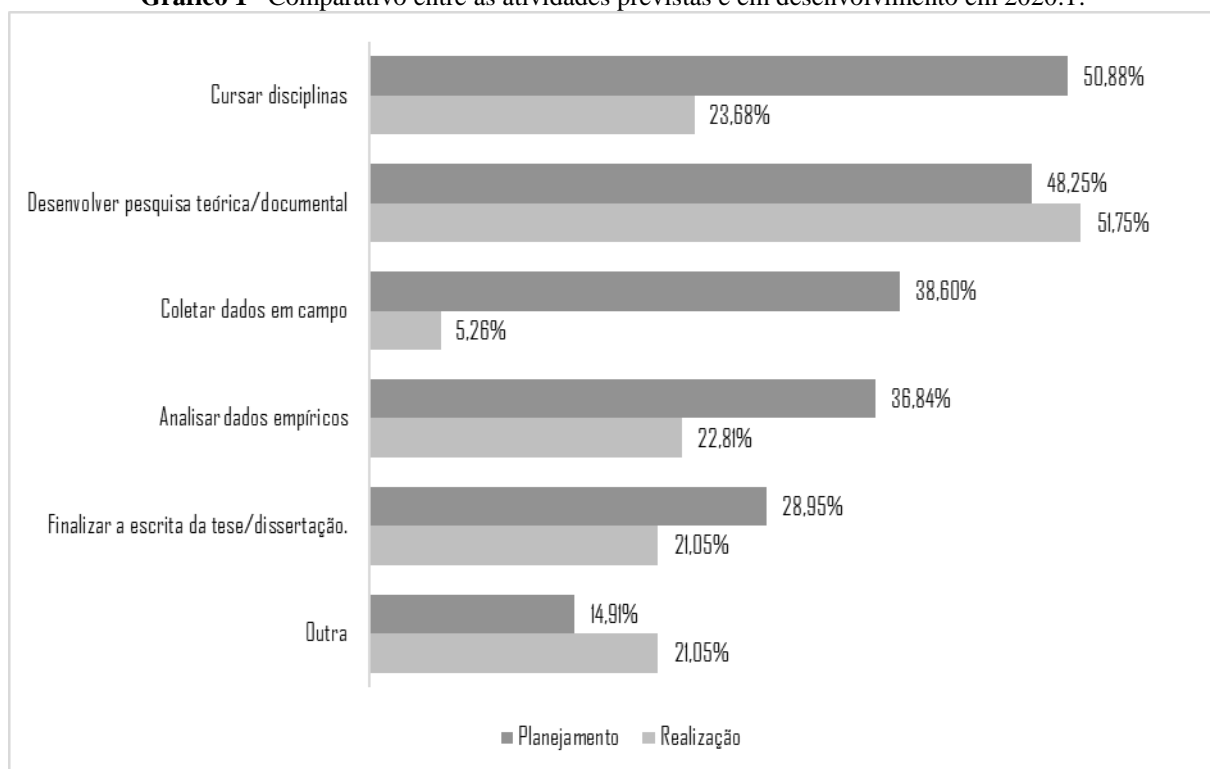
Na análise realizada, verificamos ainda que 96,34% das mulheres e 95,61% dos homens informaram residir no espaço urbano. Desse total, 56,10% das mulheres e 48,88% dos homens informaram que residiam com cônjuge ou companheira(o), e 21,95% das mulheres e 21,88% dos homens residiram com seus pais/mães, 32,93% das mulheres e 31,25% dos homens informaram ter filhas(os). Quando indagadas(os) sobre seu estado civil, 39,02% das mulheres e 50% dos homens respondentes expressaram estar solteiras(os). Outrossim, 30,49% das mulheres e 34,38% dos homens participantes da pesquisa afirmaram estar casadas(os).

Sobre este aspecto, destacamos que a realidade da carreira acadêmica-científica tem impactos diferentes para mulheres e homens em função das diferentes exigências impostas nas diversas esferas da vida social. Assim, uma análise a partir da perspectiva de gênero é primordial para a compreensão de que os desequilíbrios de gênero na ciência impactam o cotidiano de pós-graduandas e pós-graduandos de modos divergentes, uma vez que o sistema brasileiro de ciência e tecnologia não inclui benefícios que auxiliem a cientista a conciliar carreira e família (PRADO; FLEITH, 2012). A exigência ao cumprimento das atividades que envolvem o trabalho acadêmico entra normalmente em conflito com a dinâmica doméstica e

familiar e impacta negativamente, sobretudo as mulheres que exercem a maternidade. No período da pandemia essa condição se torna ainda mais preocupante. O estudo do Parent in Science (2020) para buscar entender esse cenário, identificou que há impacto imenso da pandemia em pós-graduandos e pós-graduandas que tem filhos, dentre eles as mulheres são as que mais estão sobrecarregadas e entre as mulheres são visíveis os efeitos da raça, no qual mulheres negras sofrem mais efeitos da pandemia do que mulheres e homens brancos com filhos.

A alteração nas atividades a serem realizadas no período, se apresenta como um dos maiores impactos decorrentes da pandemia ocasionada pela Covid-19 para as(os) pós-graduandas(os) que participaram da pesquisa, conforme se apresenta no gráfico 1 que aponta um comparativo entre as atividades que estavam previstas para realização em 2020.1 e as atividades que estavam sendo realizadas no momento pelas(os) mestrandas(os) e doutorandas(os) participantes.

**Gráfico 1**– Comparativo entre as atividades previstas e em desenvolvimento em 2020.1.



**Fonte:** Elaborada pelas(os) autoras(es).

Verificamos que as maiores divergências entre o planejamento e a realização de atividades, foram em relação ao cursar disciplinas, com 50,88% dos planejamentos, tarefa que estava sendo realizada por apenas 23,68% dos respondentes. Outra alteração significativa se dava entre as(os) pós-graduandas(os) que realizavam/realizariam coletas de dados em campo



e totalizavam 38,60% da amostra estudada. No entanto, só 5,26% dos participantes estavam desenvolvendo esta ação por conta das restrições ocasionadas pela pandemia.

Destacamos que 58,70% das mulheres e 58,33% dos homens afirmaram nunca terem recebido bolsa de mestrado/doutorado. Além disso, 70,31% das mulheres e 75,00% dos homens participantes da pesquisa alegaram que, além de cursarem a pós-graduação, exercem atividades profissionais. O desafio de conciliar trabalho e estudos pós-graduados é enfrentado por muitos de nós, destacando entre as motivações a busca por aprofundamento dos conhecimentos, a construção de uma carreira acadêmica, melhores condições de trabalho e vida, inclusive do ponto de vista financeiro.

Além disso, a análise dos dados demonstra que as(os) pós-graduandas(os) têm atuado de maneira direta em sua subsistência e na renda familiar, pois 85,36% das mulheres e 90,64% dos homens respondentes têm participação financeira no núcleo familiar, tal como se apresenta na Tabela 2.

**Tabela 2**– Percentual de(os) pós-graduandas(os) por classificação de participação na renda

	Única responsável	Principal responsável	Responsável juntamente com a(o) companheira(o) e/ou amigas(os)	Outro(a) familiar
<b>Mulher cisgênera</b>	13,41%	18,29%	53,66%	14,63%
<b>Homem cisgênero</b>	40,63%	28,13%	21,88%	9,38%

**Fonte:** Elaborada pelas(os) autoras(es).

Ressaltamos que 59,65% das(os) pós-graduandos que participaram desta pesquisa informaram que as instituições em que eles(as) cursam pós-graduação adiaram as atividades presenciais por tempo indeterminado diante da pandemia por Covid-19, já 22,81% de tais instituições adiaram por tempo determinado. Não obstante, 27,19% informaram que nas Instituições de Ensino Superior (IES), às quais estão vinculadas(os), estão realizando as aulas remotamente, enquanto 42,98% estão realizando as orientações à distância. Na maioria dos casos (38,66%) as informações sobre as decisões das IES/conselhos/gestão têm sido divulgadas com segurança em veículos institucionais de comunicação.

Apesar de maior parte das universidades estar realizando aulas e orientações apenas uma menor parcela, apenas 17,07% das mulheres afirmam ter ótimas condições para tal e uma parte das estudantes (8,54% das mulheres) afirmam não dispor de condições satisfatórias, conforme tabela abaixo:

**Tabela 3**– Condições para realização de atividades remotas

	Ótimas condições	Condições adequadas	Condições satisfatórias	Não disponho de condições satisfatórias
<b>Mulher cisgênera</b>	17,07%	43,90%	30,49%	8,54%
<b>Homem cisgênero</b>	25,00%	34,38%	31,25%	9,38%
<b>Total</b>	19,30%	41,23%	30,70%	8,77%

Fonte: Elaborada pelas(os) autoras(es).

Outro comparativo que nos auxilia a compreender de que maneira a vivência deste momento atípico tem afetado o cotidiano das(os) pós-graduandas(os) se dá de modo diferenciado para homens e mulheres é o comparativo de horas dedicadas às atividades rotineiras antes e depois da pandemia, conforme se apresenta na Tabela 4.

**Tabela 4**– Horas dedicadas pelas(os) participantes antes e durante à pandemia para atividades.

Atividades	Antes da pandemia		Durante a pandemia	
	Homem cisgênero	Mulher cisgênera	Homem cisgênero	Mulher cisgênera
<b>Contato com orientador(a) presencial e/ou à distância:</b>	2,67	4,88	1,56	2,02
<b>Auxílio na orientação de alunos de graduação e pós-graduação:</b>	2,88	2,86	1,32	1,51
<b>Atividade de extensão:</b>	1,96	1,94	1,08	2,03
<b>Atividade de pesquisa:</b>	6,96	11,93	5,52	7,27
<b>Leitura/pesquisa para tese/dissertação:</b>	8,69	10,04	9,48	9,19
<b>Outras leituras/pesquisas:</b>	5,16	5,05	6,24	7,55
<b>Outras atividades acadêmicas/profissionais:</b>	14,29	17,45	11,58	13,10
<b>Atividades domésticas:</b>	8,84	10,33	13,61	16,36
<b>Total (média)</b>	<b>51,45</b>	<b>64,48</b>	<b>50,39</b>	<b>59,03</b>

Fonte: Elaborada pelas(os) autoras(es).

Utilizando como referência a média de horas dedicadas pelas(os) participantes às atividades antes e durante a pandemia, entre os que definiram sua identidade de gênero enquanto homens cisgêneros e mulheres cisgêneras percebe-se que as mulheres antes da pandemia já demonstravam uma carga horária média de 13h a mais que os homens e que as horas dedicadas às atividades domésticas aumentaram em média 6h para elas (Tabela 4).

Corroborando com a pesquisa de Araújo et al. (2019),

[...] embora ao longo desses anos tenham acontecido algumas mudanças em definições de papéis de gênero e em atitudes e práticas relativas à divisão do trabalho doméstico, as mulheres ainda continuam assumindo grande parte das atividades em casa. São elas, também, que se dedicam mais aos cuidados com pessoas dependentes da família, particularmente com filhos pequenos. Já os homens, apesar de terem apresentado um maior envolvimento com as atividades de casa e de cuidados com os filhos, ainda não se dedicam tanto quanto as mulheres a essas tarefas (p. 2).

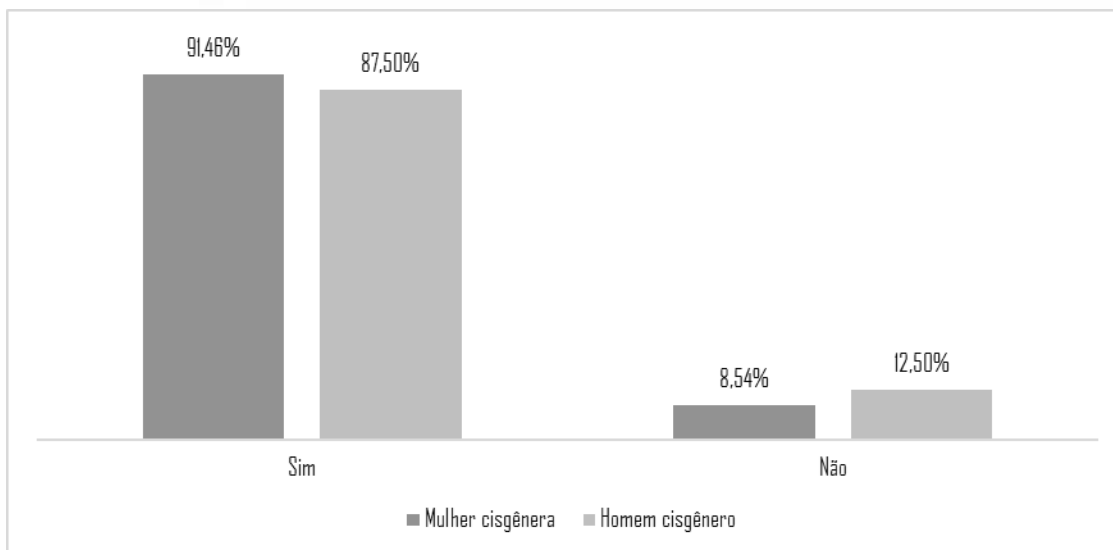
A esse respeito Luís Felipe Miguel e Flávia Biroli (2013) salientam que “as evidências da permanência da dominação masculina são abundantes [...] em cada uma dessas esferas – educação, política, lar e trabalho - foram obtidos avanços, decerto, mas permanecem em atuação mecanismos que produzem desigualdades que sempre operam para desvantagens das mulheres” (p. 8).

Ao problematizar os impactos desiguais entre homens e mulheres na pós-graduação, precisamos considerar ainda que:

[...] as relações de gênero no cotidiano da vida social e os obstáculos informais à participação nos espaços institucionais, tendo em mente que sua posição não se esgota nas relações de sexo ou gênero, mas é definida em **conjunto com variáveis como classe, raça, etnia, sexualidade e geração**. As barreiras mostram-se mais espessas quando analisamos as condições de participação das mulheres mais pobres, das mulheres negras e indígenas, das trabalhadoras do campo (n.p., grifo nosso).

Conforme se explicita no Gráfico 2, 91,46% das mulheres e 87,50% dos homens participantes responderam que em sua experiência pessoal, a pandemia de Covid-19 impactou em seu planejamento das atividades previstas para 2020.1. Portanto, de forma ampla, tal dado responde à interrogação principal da presente pesquisa, pois, o valor majoritário dos(as) participantes reconhecem que o contexto pandêmico impactou a sua vida acadêmica. Informação detalhada ao decorrer da seção resultados, em que constam as específicas realidades abaladas pela pandemia em curso.

**Gráfico 2**– Percepção dos participantes sobre o impacto da pandemia em seu planejamento.



Fonte: Elaborada pelas(os) autoras(es).

Das atividades acadêmicas mais afetadas em consequência da pandemia, os respondentes destacaram a participação em eventos e atividades das disciplinas/orientação, conforme se percebe na leitura da Figura 1. Dentre eles, 63,83% afirmaram ter sentido impacto no seu planejamento para participação de eventos científicos locais e/ou fora da cidade; 60% em cursar disciplina e receber orientações; 49,52% apontaram o impacto nas alterações realizadas em cronogramas de atividades empíricas; 40% destacaram o impacto na produção científica e por fim, 30,48% afirmaram que a crise sanitária por Covid-19 impactou o cumprimento de prazos junto à universidade e agências de fomento.

**Figura 1** – Principais impactos acadêmicos da pandemia por Covid-19 de acordo com as(os) participantes.

63,81% destacaram o impacto no seu planejamento para participação em eventos científicos locais e/ou fora da cidade

60,00% sublinharam o impacto na suspensão das atividades presenciais para cursar disciplinas/receber orientação;

49,52% apontaram entre os principais impactos a alteração nos procedimentos e/ou cronograma das atividades de pesquisa empíricas;

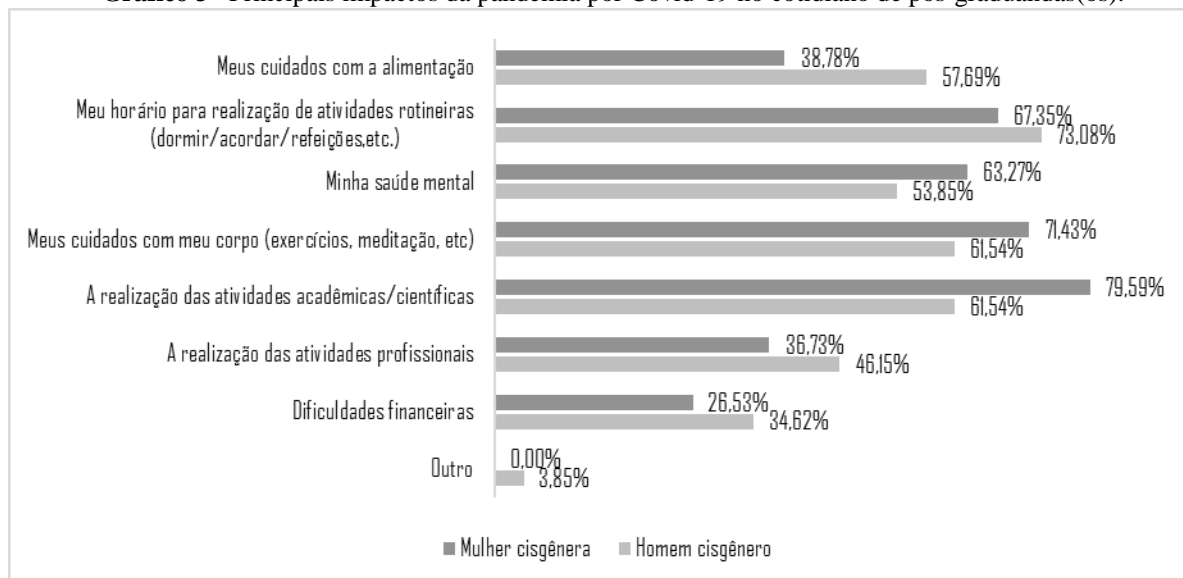
40,00% enfatizaram o impacto na produção científica (artigos, livros e projetos de pesquisa)

30,48% afirmaram que impactou no cumprimento de prazos junto à universidade e agências de fomento

Fonte: Elaborada pelas(os) autoras(es).

Além das atividades acadêmicas, as(os) estudantes destacaram outros impactos, tais como: desordem nos horários para realização de atividades rotineiras, cuidados com o corpo, cuidados com a alimentação e saúde mental tal qual se mostra no gráfico 3.

**Gráfico 3**– Principais impactos da pandemia por Covid-19 no cotidiano de pós-graduandas(os).



Fonte: Elaborada pelas(os) autoras(es).

Outro paralelo que nos auxilia na compreensão das diferentes vivências por homens e mulheres na pós-graduação se dá quando comparamos as estatísticas entre as experiências vivenciadas entre elas e elas. Verificamos ainda 56% das mulheres e 55% dos homens afirmaram não terem tido algum tipo de adoecimento físico antes da pandemia, tendo em vista o cumprimento das exigências acadêmicas-científicas. No entanto, 42% das mulheres e apenas 11% dos homens afirmaram ter tido adoecimento físico diante das mudanças provocadas pela pandemia de Covid-19.

Similarmente, 66% das mulheres e 53,84% dos homens afirmaram que já haviam vivenciado algum tipo de sofrimento psíquico diante do cumprimento das exigências acadêmicas e científicas. Mas, 62% das mulheres e só 37,04% dos homens que participaram da pesquisa afirmaram ter passado por algum sofrimento psíquico diante das mudanças provocadas pela pandemia de Covid-19.

## Considerações Finais

O artigo objetivou analisar os impactos acadêmicos ocasionados pela pandemia da Covid-19 na vida de estudantes de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, tendo em vista os



desafios enfrentados na crise global que vivenciamos, a qual tem afetado de maneira singular nosso cotidiano, agastando desigualdades sociais e alterando o planejamento das ações pessoais, coletivas e institucionais. Com esse objetivo, ressaltamos que o presente estudo se propôs demonstrar resultados baseados em experiências pessoais de alguns dos estudantes da pós-graduação brasileira e, portanto, não comporta o panorama de todos os(as) mestrandos e doutorandos (as) do país. Para tanto, destacamos a necessidade de novos estudos com diferentes delineamentos para um aprofundamento das análises diante do fenômeno em pauta.

Nesse estudo, inicialmente realizamos as análises estatísticas de parte das questões/categorias, sem a separação por gênero. Todavia, ficava patente ao longo da investigação como a vivência da pandemia estava atravessada pelas questões de gênero e ainda de raça/etnia, classe, localização geográfica e outros marcadores sociais.

Dentre os resultados destacamos a modificação significativa entre as atividades previstas e que estavam sendo realizadas efetivamente pelas(os) pós-graduandas(os), seja por alterações no calendário acadêmico dos programas ou pela impossibilidade de realizar ações em campo, entre outros. Analisadas as médias de horas dedicadas pelas(os) participantes às atividades antes e durante a pandemia, as mulheres que antes da pandemia já demonstravam uma carga horária média de 13h a mais que os homens, durante a pandemia, as horas dedicadas às atividades domésticas aumentaram em média 6h para elas.

De modo específico, acerca das questões de gênero, observamos que aspectos já frequentemente mencionados, foram novamente indicados: as mulheres trabalham mais horas e se dedicam mais ao trabalho doméstico. Atividades essas que são reforçadas e mesmo agravadas no cenário atual, de crise epidemiológica e socioeconômica. E ainda, de forma preocupante, o impacto para as mulheres em sua organização cotidiana de alimentação, prática de atividades físicas e saúde mental está ainda comprometida em função da pandemia por Covid-19 em comparação com a dos homens.

Esperamos dar continuidade ao estudo, ampliar a amostra e identificarmos outras questões acerca deste acontecimento social, que marcou e marcará a nossa geração e a historiografia contemporânea. Pretendemos, por meio desta investigação, contribuir com um mapeamento de possíveis impactos da pandemia na vida acadêmica de pós-graduandas(os) brasileiras(os) junto a outros esforços de pesquisas desenvolvidas por diferentes áreas, para assim auxiliar no compartilhamento, e a elaboração de estratégias e planejamento de ações, individuais e coletivas, para mitigar seus efeitos em nossas universidades e, especialmente, em nossa saúde física e psicossocial.

## Referências

ARAÚJO, Clara *et al.* (org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil do século XXI: mudanças e permanências**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisa de Survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BASCHET, Jérôme. **COVID-19: o século XXI começa agora**. São Paulo: Editora n-1, 2020.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EdUFBA, 2017.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da burocracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas**. Brasília, 2019.

CALAZANS, Roberto; MATOZINHO, Christiane. **Pandemia, paranóia e política**. São Paulo: Editora n-1, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3 ed., Magda F. Lopes, Trad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Revista Periódicos**, v. 1, n. 3, p. 152-169, 2015.

GONZÁLEZ, Georgina Afonso. ¿Por qué mueren más hombres que mujeres por el covid-19? Por el machismo. **Observatorio social del coronavirus: CLACSO**, v.1, n. 1, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://www.clacso.org/por-que-mueren-mas-hombres-que-mujeres-por-el-covid-19-por-el-machismo/>. Acesso em: 13 ago. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/262>. Acesso em: 17 nov. 2020.

KETZER, Patricia. Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **Argumentos Revista de Filosofia**, Fortaleza, ano 9, n. 18, p. 95-106, 2017. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32159/1/2017\\_art\\_pktzer.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32159/1/2017_art_pktzer.pdf). Acesso em: 08 jan. 2020.

LONGINO, Helen. Epistemologia Feminista. In: GRECO, John; SOSA, Ernest (Orgs.). **Compêndio de epistemologia**. Tradução Alessandra Siedschlag Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MIGUEL, Luís F.; BIROLI, Flávia. (Orgs.). **Teoria política feminista: textos centrais**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

MORETTIN, Luiz Gonzaga. **Estatística Básica: Probabilidade e Inferência**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. **COVID-19: Países do G7 devem tornar a igualdade de gênero eficaz para que o futuro das mulheres no trabalho seja melhor**. Disponível em: [https://www.ilo.org/brasilianoticias/WCMS\\_745194/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasilianoticias/WCMS_745194/lang--pt/index.htm). Acesso em: 15 mai. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS/OMS. **OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus**. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6100:oms-declara-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-em-relacao-a-novo-coronavirus&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6100:oms-declara-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-em-relacao-a-novo-coronavirus&Itemid=812). Acesso em: 14 ago. 2020.

PARENT IN SCIENCE. Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade. Levantamento realizado pelo movimento Parent in Science durante o isolamento social relativo à Covid-19, 10/07/2020. Disponível em: <http://www.sbgq.org.br/noticia/produtividade-acad%C3%AAmica-durante-pandemia-efeitos-de-g%C3%AAnero-ra%C3%A7a-e-parentalidade>. Acesso em: 14 ago. 2020.

PRADO, Renata Muniz; FLEITH, Denise de Souza. Pesquisadoras brasileiras: conciliando talento, ciência e família. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 2, p. 19-34, ago. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672012000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 17 nov. 2020.

RAGO, Margaret. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pilar. **Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis-SC: Editora das Mulheres, 1998. Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 25-37.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Polén, 2019.

SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao Estado Suicidário**. São Paulo: Editora n-1, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **La cruel pedagogía del virus**. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SCHMIDT, Flávia; MELLO, Janine; CAVALCANTE, Pedro. **Estratégias de coordenação governamental na crise da Covid-19**. Brasília - DF: IPEA 2020.

SENHORAS, Eloi Martins. Novo Coronavírus e seus impactos econômicos no mundo. **Boletim de conjuntura (BOCA)**, v. 1, n. 2, p. 39-42, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Coronavirus/2901>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SIMAO, Andréa Branco. Entre o ideal e o real: percepções e práticas acerca da divisão de atividades domésticas e de cuidados no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 36, e0078, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982019000100500&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100500&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 30 jun. 2020. Epub Sep 16, 2019. <https://doi.org/10.20947/s0102-3098a0078>.

Recebido em: 14 de outubro de 2020.

Aprovado em: 02 de dezembro de 2020.